

COMPETÊNCIAS DO BEBÉ PREMATURO

Há muito tempo que eu estava na barriga da minha Mãe. Só não sabia quem era! Um dia, não sei quando, passei a saber que já era. Nesse dia ouvi o coração da minha Mãe e chorei devagarinho. Ia ser uma Pessoa! Tudo mudou.

A minha Mãe gostava muito de framboesas. Passei a gostar de framboesas! A minha Mãe gostava muito de Rolling Stones. Passei a gostar de Rolling Stones! Se a minha Mãe gostava de qualquer coisa eu também gostava. Se a minha Mãe ficava triste eu também ficava! Corria bem a minha vida! Um dia ouvi a voz do meu Pai! Contou-me uma história de Príncipes e Princesas e nesse dia percebi que era uma Princesa. Não sabia qual era a diferença entre um Príncipe e uma Princesa mas percebi que era uma princesa. Era assim que o meu Pai me chamava e como a minha Mãe ficava contente... eu também ficava!

Um dia senti uma leve pressão na barriga da minha Mãe e ouvi uma voz que não conhecia. Não percebi o que dizia mas a minha Mãe ficou tão preocupada que eu também fiquei! Nunca mais dormi a pensar na minha Mãe. Percebi que tinha que nascer mais depressa senão alguma coisa podia correr mal. Já gostava tanto dela! Não queria que nada de mau lhe acontecesse. Então decidi nascer. E nasci! Só que era muito pequenina e fiquei atrapalhada. Não conseguia respirar! Só que não queria desiludir os meus Pais.

Então vieram muitas pessoas que eu não conhecia. Tinham bom ar mas estavam tão preocupadas... Senti muitas coisas a entrar no meu corpo. Doeu um bocadinho! Depois adormeci descansada! Aquelas pessoas iam ajudar-me a não desiludir os meus Pais.

Depois...

E não foi só ameaça, nasci mesmo muito antes do esperado e nada preparado. (Vou explicar um bocadinho melhor esta parte: fui aquilo a que se costuma chamar um Prematuro, isto é um bebé que nasceu antes do tempo). Foi por causa disto, aliás, que o obstetra mandou a minha mãe ficar muito sossegada para ver se era possível atrasar a altura do nascimento. Quando viu que não era possível, deu-lhe corticóides, um medicamento que acelera o desenvolvimento do bebé e nos ajuda a desembaraçar mais um pouco.

Tantas mudanças ao mesmo tempo foram uma grande complicação: dentro do útero da minha mãe estava quentinho e o ambiente era o de um confortável banho de imersão; cá fora estava frio, muito barulho, uma grande secura e uma luz imensa feria-me os olhos. A minha pele, os pulmões, o coração, todos os órgãos sentiram a diferença e tiveram de fazer um grande esforço para se adaptar, mas com que custo... Doía-me o corpo todo. As minhas grandes

ajudas foram o neonatologista e a enfermeira; mas eram tubos pelo nariz, pela boca, picadas na pele...

Finalmente sosseguei! Na Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais, um sítio com muitos e complicados aparelhos, fiquei confortável. Puseram-me numa incubadora com a temperatura e a humidade da barriga da minha mãe, sem agitação nem barulho (lá dentro era quase silêncio e às vezes havia música). Puseram-me também uns aparelhos com fios que não me faziam dor e que mostravam como estava a trabalhar o coração, os pulmões e qual o nível de oxigénio no meu organismo. Um ventilador ajudava-me a respirar (porque embora eu tivesse feito um grande esforço estava a sentir-me tão cansado que percebia que não ia aguentar) e, como o aparelho digestivo não conseguia funcionar bem, entrava-me a alimentação pela veia que, depois de picada, já não doía nada.

Então a minha Mãe e o meu Pai vieram ver-me. À primeira impressão ficaram entre o assustado e o desiludido. Muito pequenino, não correspondia ao bebé que tinham imaginado; quase não acreditaram em mim.

Mas eu, mesmo sendo prematuro tinha todas as potencialidades, tinha um “hardware” genético excepcional, com ferramentas de regulação de um recém-nascido de termo e despachado. O meu futuro ia depender da forma como se iriam passar aqueles primeiros dias na Unidade de Cuidados Intensivos. Reparei, por exemplo, que andavam sempre preocupados a lavar as mãos antes de me mexer e em ter-me sempre limpinho; é que os prematuros também ainda não são capazes de resistir às infecções do mesmo modo que os bebés de termo.

Houve momentos difíceis, mas passo a passo, dia a dia, os progressos aconteciam e as minhas competências melhoravam: fiquei amarelo (isso até foi fácil de resolver), comecei a ser capaz, cada vez mais, de respirar sozinho (há um remédio, o surfactante, que ajudou imenso), a minha circulação sanguínea passou a fazer-se correctamente (fechou o canal arterial que nos prematuros está ainda permeável e complica muito as coisas), comecei a comer, embora, de início, com um tubinho no estômago (a sonda) porque chupar e engolir têm mesmo de ser aprendidos. A minha Mãe vinha muitas vezes ao pé de mim; quando eu estava melhor pegava-me ao colo, falava comigo, fazia-me festinhas, ensinava-me e dava-me o leite dela que era o alimento de que eu mais gostava. O meu Pai passou a vir depois do trabalho, ajudava a dar-me banho e a mudar a fralda. Sentia-me feliz, fiquei até um pouco mimado de tantas coisas boas; depois passei a dormir muito bem.

Tive ajuda, muitos cuidados e ensinaram-me muitas coisas. Senti também a alegria com que todos na Unidade, para já não falar nos meus pais, foram observando os meus progressos, as coisas que fui aprendendo e como me fui tornando capaz.

Chegou o dia de ir para casa; foi uma grande emoção; vim com os meus pais, na cadeirinha, claro, muito aconchegado e todo confortável. Fiquei na Unidade com muitos amigos.

Penso hoje como é espantosa essa capacidade genética com que nascemos e como é importante criar as condições para que o ambiente, o tempo e a aprendizagem, devagar e seguramente, tenham o seu papel e transformem o projecto de criança que eu era ao nascer, no bebé saudável que sou hoje. Se as coisas forem bem feitas somos mesmo capazes de conseguir.